

Netas Cuidadoras de Avós Fragilizados

Uma Especial Relação de Gerações



José Carlos Ferrigno

Para melhor compreender qual é a qualidade das relações entre avós e netos nos dias atuais, é necessário considerar o contexto em que vivemos, no qual, por diversas determinações socioeconômicas, as gerações estão mais distantes uma das outras do que estavam em épocas passadas, e levar em conta também as várias configurações que a família vem assumindo.

Recordo-me que no início de minha atuação profissional junto a pessoas idosas, nos idos dos anos 1980, era comum ouvir de muitas senhoras, queixas por viverem longe dos filhos e dos netos. Falo delas e não deles porque, como sabemos, a maioria dos homens falecem mais cedo que suas esposas. Essas mulheres, em geral viúvas, moravam sós, não porque quisessem, mas para não incomodar seus filhos, noras ou genros. Viviam insatisfeitas em seus ninhos vazios.

Simone de Beauvoir e Ecléa Bosi, pensadoras importantes, reveladas naqueles anos, em suas reflexões sobre o envelhecimento, comentaram com brilhantismo como a sociedade industrial “maléfica à velhice” - conforme expressão da época - transformou a família de extensa em nuclear. As novas demandas da urbanização e das relações de trabalho tornaram a família nuclear o modelo dominante por propiciar maior mobilidade ao trabalhador em seus deslocamentos de um emprego a outro e por sua mais fácil acomodação nos espaços exíguos das grandes cidades. E, assim, idosos foram distanciados de suas respectivas famílias.

Com o passar dos anos, todavia, aquelas mesmas queixosas senhoras, mudaram de atitude, como pude perceber em meu dia a dia de atendimentos, e passaram a apreciar a condição de viverem sós. Comemoravam a liberdade de

ir e vir, sem ter que prestar satisfação a ninguém, como elas mesmas diziam, preenchendo seu tempo livre com atividades culturais, esportivas, de lazer etc.

Alguns anos depois, adentramos em uma época de desemprego que afetou muitos dos filhos e filhas dessas mulheres que, por isso, voltaram a com elas morar, sem contar os que nunca saíram do aconchego materno, em uma espécie de adolescência prolongada. Ao fator desemprego, somaram-se, então, as separações conjugais, cada vez mais frequentes e decorrentes, por um lado, da maior liberdade de escolha, e, por outro, como resultado da crescente volatilização dos vínculos interpessoais, determinando, assim, retornos à casa dos pais, muitas vezes com seus respectivos filhos.

Evidentemente, há muitos idosos morando sozinhos ou apenas com seus cônjuges, mas hoje voltamos a nos deparar mais comumente com um “ninho cheio”, uma família extensa que, com o expressivo aumento da longevidade, pode abranger três ou até quatro gerações sob o mesmo teto. Contexto em que avós e bisavós cada vez mais longevos e, por consequência, cada vez mais dependentes, passam a precisar de cuidadores, sejam parentes ou profissionais. Essas considerações iniciais nos ajudam a explicar a crescente convivência entre avós e netos.

O envelhecimento avançado fragiliza as pessoas e causa dependência. Os parentes, na condição de cuidadores informais, podem ser os cônjuges, filhos, filhas e até netos (LEME, 2007). Segundo Campedelli (1993), aproximadamente 90% dos idosos dependentes, dentro e fora do Brasil, ficam sob os cuidados de seus familiares.

Como é fácil constatar, em nossa sociedade as mulheres são preparadas desde cedo para cuidar de seus familiares. Por serem mais longevas e, em geral, mais novas que seus maridos, frequentemente cabe a elas também a função de esposa cuidadora. Se a filha daquele ou daquela a ser cuidada (o) for solteira e/ou se for a única irmã, será forte candidata a cuidadora e não ‘escapará’ facilmente dessa ‘missão’.

Corroborando esse fato, Yuaso (2007) constatou o seguinte perfil do cuidador: 84% eram mulheres, sendo 38% filhas, 34% esposas, 7% noras e 5% netas. A maioria se situava na faixa etária entre os 50 e os 79 anos. Ferreira Pimenta *et al* (2009), constataram que o perfil dos cuidadores portugueses é composto por mulheres de 55 anos em média que, além do idoso, tem sob seus cuidados outros membros da família.

Cumpramos observar que se, por um lado, as famílias mais extensas podem ter mais pessoas em condições de cuidar de um parente, por outro lado, pode haver um fator complicador. Em razão de uma possível espera pela iniciativa do outro familiar, o idoso fragilizado pode acabar por ser inadequadamente atendido. Como exemplo, citamos os idosos que ficam muito tempo à espera que algum de seus filhos se decida a buscá-los após obterem alta hospitalar. Por outro lado, se a família é muito pequena a possibilidade de sobrecarga de trabalho para o cuidador, tende a ser maior. Seja como for, o fato é que o grau

de afetividade reinante no lar configura-se como um fator determinante para a qualidade do cuidado.

Ainda que seja perceptível paulatina mudança para uma situação de maior igualdade, os papéis de homens e mulheres em nossa conjuntura prosseguem sendo distintos. As diferenças de gênero, por isso, impactam de modo significativo sobre as ações de cuidado ao idoso fragilizado, e as mulheres surgem como as cuidadoras mais frequentes.

Outra constatação surge como central nesta reflexão - em geral é muito pouco frequente a presença de pessoas jovens cuidando de idosos. Se as netas já são raras representando apenas 5%, segundo a pesquisa mencionada, a raridade de um neto cuidador é ainda maior, daí a referência no título deste artigo às "netas cuidadoras". Todavia, é bem provável que em decorrência da coabitação mais intensa das gerações, o número tanto de netas, quanto de netos cuidadores cresçam consideravelmente nos próximos anos.

O que mais importa é a qualidade dessa relação, de modo que seja benéfica a todos os envolvidos. E qual tem sido a qualidade dessa relação? Como netos e netas cuidam de seus avós doentes? Conforme pontuei em outro trabalho (FERRIGNO, 2015), em determinadas circunstâncias a falta de preparo e de cuidados éticos para esse encontro podem causar sobrecarga, constrangimento e até opressão sobre o jovem cuidador e sobre o idoso que é objeto dos cuidados, prejudicando as relações entre eles.

Devido aos altos custos de internação e de profissionais para o atendimento domiciliar, a tendência é termos mais crianças incumbidas de cuidar de avós portadores de demências. Segundo a Associação Americana de Psicologia (2018), cerca de 1,4 milhões de crianças nos EUA entre as idades de 8 e 18 anos cuidam de um adulto mais velho ou de um irmão, incluindo aproximadamente 400.000 jovens entre 8 e 11 anos de idade. Muitas dessas crianças são de famílias de baixa renda, e 30% de cuidadores infantis ajuda na administração de medicamentos, e 17% ajudam na comunicação com médicos e enfermeiros. Quase metade, 49% dos cuidadores relatam que eles gastam "muito tempo de trabalho".

Segundo os relatos dos pais sobre o comportamento de seus filhos, esses jovens cuidadores tendem a exibir um comportamento mais ansioso ou depressivo do que os jovens não-cuidadores. Sua participação nas atividades escolares e o próprio aproveitamento escolar também são prejudicados. As crianças que são cuidadoras têm maior probabilidade de ter problemas em se relacionar com os professores e colegas e de se associar com crianças que se envolvem em conflitos. Essa é uma área ainda pouco estudada, embora seja de muita importância para o futuro das relações familiares e intergeracionais, de modo geral.

No esquema de cooperação familiar, além da ajuda financeira e material existente entre as gerações, há também a colaboração através da troca de serviços – pequenos, porém importantes – vitais para o funcionamento da vida familiar, como

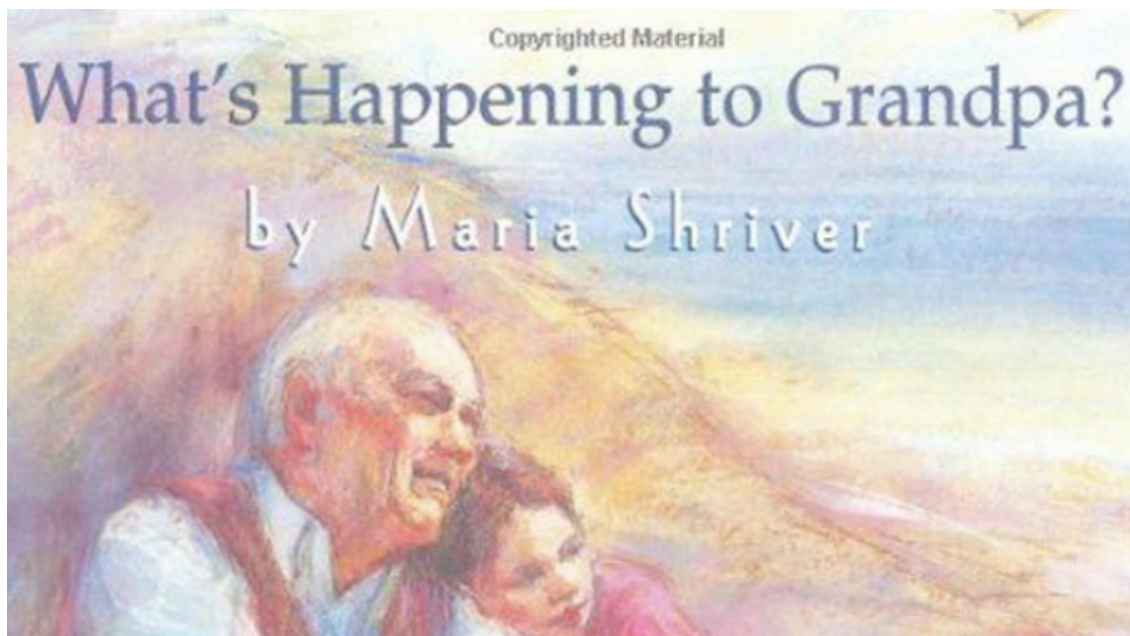
tarefas domésticas que idosos prestam aos jovens e vice-versa. Tal fenômeno se dá principalmente em famílias pobres que não têm condição de pagar empregados domésticos.

Nessas famílias, a ajuda das crianças é importante fator de formação de responsabilidade (como seria também em relação aos filhos de classe média, não fossem tão poupados), além de imprescindível para aliviar a carga de trabalho de pais e avós, como nos mostra Oliveira (1999). Pequenos serviços prestados por crianças a seus familiares podem ser positivos para despertar nelas o valor da solidariedade. No entanto, a atribuição de excessivos encargos pode acarretar a elas sérios danos psicológicos.

Da mesma forma, jovens universitários que tem a incumbência de cuidar de seus avós dependentes apresentam dificuldades para se dedicarem a seus estudos, à sua carreira, às suas amizades. É o que nos informa o artigo, publicado pela AARP Foundation (2011), organização norte americana voltada para a assistência a pessoas idosas. Na matéria, uma professora diz ter ouvido de vários jovens cuidadores entrevistados que, para contornar as dificuldades da falta de tempo, chegaram até a levar consigo seus avós a encontros com namorados!

Desenvolvendo a paciência e a compaixão no trato de avós demenciados

O processo que leva um avô ou uma avó à demência desperta, nos netos que têm a oportunidade de acompanhá-lo, intensas emoções e reflexões. A transfiguração física e mental desse idoso impacta profundamente as crianças e os adolescentes da família, como nos mostra o documentário *What's Happening to Grandpa?*¹



¹ Produzido pela HBO Documentary Films e pelo National Institute on Ageing (com versão

Este filme apresenta comoventes depoimentos de crianças e adolescentes com idades entre 6 e 15 anos, que lidam com avôs e avós que sofrem da Doença de Alzheimer. Maria Shriver, apresentadora, faz comentários e orienta as crianças a enfrentarem essa dolorosa situação. O contato com a doença e com a morte física ou psíquica de um ente querido pode se constituir uma oportunidade para que jovens possam refletir, profundamente, sobre a finitude humana e, por consequência, dignificar cada momento de nossa efêmera existência.

A fragilidade e a dependência do ser humano podem vir a despertar sentimentos positivos nas pessoas do entorno, como o desejo de ajudar e a vontade de cuidar, que superam a sensação de obrigação. É o que se constata nos cuidados a um bebê não apenas por parte de sua mãe, mas de outras pessoas. Já com a velhice avançada não se dá o mesmo. Frequentemente, o corpo envelhecido e transformado provoca rejeição ou, no mínimo, indiferença. Mas, não é dessa forma o que ocorre em outras culturas.

Recordo-me de uma aula do professor Mike Featherstone, professor de Sociologia da Universidade de Londres, em que ele projetou um slide que mostrava o rosto de uma japonesa muito velha e bem enrugada e comentou que os jovens orientais (mesmo em um Oriente tão ocidentalizado como o atual) têm por idosos um carinho especial, um grande cuidado e tratam pessoas nessas condições com muita ternura e amor. Os jovens do passado e do presente que viveram essa experiência certamente dela saíram engrandecidos, assim como seus avós fragilizados que puderam desfrutar de um momento feliz e pleno de sentido ao final de suas vidas.

Referências

A.A.R.P Fondation. *The Surprising Caregiver: Your Grandchild*. Disponível em: <http://www.aarp.org/relationships/caregiving/info-08-2011/grandchild-as-caregiver.html>. Acesso em 18/04/2018.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Young Caregivers. Disponível em: <http://www.apa.org/pi/about/publications/caregivers/practice-settings/intervention/young-caregivers.aspx>. Acesso em: 15/03/2018.

CAMPEDELLI, M. C. *et al.* Grupo de cuidadores de idosos: uma experiência multiprofissional. *Revista Âmbito Hospitalar*, 1993, p.46.

FERRIGNO, J. C. A relação entre o jovem e o idoso fragilizado: um raro e sugestivo encontro de gerações. In: PAPALÉO NETTO, M.; KITADAI, F.T. *A quarta idade: o desafio da longevidade*. São Paulo, Ed. Atheneu, 2015, p.187-195.

HBO – Documentário *Alzheimer's Project_Granpa do You Know Who I Am*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M6uOXdWrWYM&t=126s>
Acesso em: 18/04/2018

LEME, L. E. G. O Idoso e a família. In: PAPALÉO NETTO, M. *Tratado de Gerontologia*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Atheneu, 2007, p. 217-223.

OLIVEIRA, P. S. *Vidas compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*, São Paulo: Hucitec / Fapesp, 1999 p. 291-292.

PIMENTA, G. et. al. Perfil do familiar cuidador de idoso fragilizado em convívio doméstico da grande Região do Porto, Portugal. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. Vol. 43, n. 3. São Paulo, set/2009.

YUASO, D. R. Cuidadores de idosos dependentes no contexto domiciliário. In: PAPALÉO NETO, M. *Tratado de Gerontologia*, 2ª edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2007, pp. 711-717.

Data de recebimento: 03/04/2018; Data de aceite: 21/05/2018.

José Carlos Ferrigno – Psicólogo com Mestrado e Doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e pela Universidade de Barcelona. Especialista em Gestão de Programas Intergeracionais pela Universidade de Granada. Ex-coordenador do programa intergeracional Sesc Gerações. Consultor em planejamento, acompanhamento e avaliação de programas de preparação para a aposentadoria, de ocupação do tempo livre e lazer do trabalhador aposentado e de programas intergeracionais em instituições públicas e privadas. Autor de artigos sobre a psicologia do envelhecimento e dos livros *Coeducação entre Gerações* e *Conflito e Cooperação entre Gerações*. Email: jcferrigno@gmail.com